

190

31200744

Índios questionam as igrejas

Belo Horizonte - Cinco índios da delegação brasileira que participa do Quinto Congresso Missionário Latino-americano (Comla-5) questionaram ontem, numa entrevista coletiva a evangelização que as igrejas, católica e evangélicas, vêm impondo há 500 anos a seus povos, sem levar em conta as tradições de sua cultura e de sua religião. "Será que precisamos aderir aos ritos religiosos dos brancos para sermos considerados evangelizados?", perguntam os índios num manifesto aprovado, esta semana, numa reunião paralela ao congresso.

"Entendemos que a religião é um mistério e que as expressões diferem na sua diversidade cultural", afirma o documento, advertindo os missionários que ninguém pode conhecer o mistério de cada povo. Deus para eles, é Tupã, e cada tribo deve cultuá-lo de acordo com sua crença e seus rituais, disseram os índios, ao pedir aos católicos e evangélicos que respeitem o seu passado. Comparando a religião cristã com a da minha gente, descobri aos poucos que são a mesma coisa, disse Raimundo Xavante, que foi batizado, ainda menino, numa missão salesiana de Mato Grosso e trabalha como agente pastoral.

A fé xavante e a fé dos missionários são as mesmas, mas estou estudando um caminho para mostrar essa identidade dentro da minha cultura, com as cerimônias e rituais de meu povo, anuncia Raimundo, respondendo na prática ao desafio da inculturação (neologismo inventado pela igreja) que o Comla-5 discute em Belo Horizonte.

Como agente pastoral, o xavante não fala em Jesus Cristo nem prega a prática dos sacramentos. Ando pelas aldeias mostrando que os índios amam os outros índios, informou Raimundo, para quem a convivência é tradução da mensagem evangélica. O antropólogo Gunter Kroemer, assessor do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), assegurou que essa pastoral se enquadra na orientação



A evangelização das igrejas está sendo questionada pelos índios xavantes

dada aos missionários católicos.

Os salesianos de Mato Grosso se adaptaram às novas normas, mas existe resistência em outras missões. Ainda há quem insista na sacramentalização, disse o missionário Fabrício Pimenta, também da equipe de CIMI. O aval da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) não significa aprovação de Roma.

É muito difícil uma pessoa de fora entender a cultura indígena, argumentou Kroemer, referindo-se àqueles que impõem o batismo cristão aos índios.

"Eu fui batizado de acordo com os rituais de minha nação", observou o pajé Augusto Kaingang, que participa do congresso missionário. "Exigimos que as igrejas assumam um compromisso concreto com os índios, apoiando a demarcação de nossas terras", disse o Kaingang em nome da delegação indígena.

A colonização avançou sobre as comunidades indígenas, os brancos destruíram nossas matas, nossa caça, nossos peixes, nossa fruta e até nossa religião", acusou Augusto Kaingang.

Os índios, acrescentou, lutam agora para recuperar sua

cultura e agradecem a Tupã pelo fato de as igrejas terem entendido isso. Esperamos que os missionários ajudem os indígenas a se organizarem, pediu.

Se os católicos e alguns grupos evangélicos agem com essa orientação, não é esse o estilo de outras igrejas cristãs. Um pastor que conseguiu converter várias famílias de minha aldeia para sua seita falava que índio tem de deixar de ser índio pra ser cristão, queixou-se Bayara Pataxo, um líder que emigrou da Bahia para viver em Minas.

Os Pataxos resistiram ao pastor, porque o jeito de falar dele foi no coração, pois índio não quer deixar de ser índio. Numa aldeia xavante de Mato Grosso catequizada por uma seita fundamentalista, a resistência não adiantou. Os missionários disseram aos índios que eles tinham de cortar o cabelo como os brancos e abandonar seus rituais, porque isso tudo é coisa do diabo, contou Raimundo Xavante. Como agente pastoral católico, ele procura levar os irmãos crentes a outras aldeias, para eles verem que a tradição continua lá com a bênção dos missionários.